

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE PEDAGOGIA

ALESSANDRA DE ARAÚJO MARTINS ALVES

**A VISÃO DOS PAIS SOBRE O TRABALHO DAS PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 4 ANOS NO MUNICÍPIO DE FORQUILHINHA**

CRICIÚMA, JULHO DE 2011

ALESSANDRA DE ARAÚJO MARTINS ALVES

**A VISÃO DOS PAIS SOBRE O TRABALHO DAS PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 4 ANOS NO MUNICÍPIO DE FORQUILHINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Msc. MariaValKíria Zanette

CRICIÚMA, JULHO DE 2011

ALESSANDRA DE ARAÚJO MARTINS ALVES

**A VISÃO DOS PAIS SOBRE O TRABALHO DAS PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 4 ANOS NO MUNICÍPIO DE FORQUILHINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Teoria e Prática Pedagógica.

Criciúma, 04 de Julho de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Maria Valkíria Zanette - Mestre- (UNESC) - Orientadora

Prof^ª. Gislene Dassoler - Especialista - (UNESC)

Prof^ª. Mirozete Iolanda Volpato Hanoff – Especialista - (UNESC)

Ao Eixo principal de minha vida: DEUS.

**Por muitos momentos quase desisti,
fracassei, cai, mas sei que ELE com suas
mãos fortes me segurou...**

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos aos meus pais e minha irmã que sempre oraram por mim.

Quero também agradecer ao meu esposo que incansavelmente esteve ao meu lado me apoiando em tudo que precisei.

À minha orientadora que tão carinhosamente me ajudou a vencer meus medos...

E as minhas colegas de sala que venceram e também chegaram até aqui...

“Não é possível também ser professora sem lutar por seus direitos para que seus deveres possam ser melhor cumpridos. Mas, você que está me lendo agora, tem todo o direito de, sendo ou pretendendo ser professora, querer ser chamada de tia ou continuar a ser.”

Paulo Freire (1997)

RESUMO

O presente trabalho tem como enfoque, a visão dos pais sobre o trabalho das professoras de Educação Infantil de 3 a 4 anos no Município de Forquilha. Para esse fim foi elaborado um questionário que serviu de apoio a uma entrevista gravada, que se realizou com doze pais de três instituições de Educação Infantil, sendo duas de ensino público e uma instituição de ensino privado. Esta pesquisa foi realizada com características descritivas, com abordagem qualitativa, pois foi feito o levantamento de dados e analisados a partir do referencial teórico que foi embasado em diversos autores. Por meio desta pesquisa, podemos salientar e compreender o que os pais pensam e sentem, observando o trabalho que as professoras realizam com seus filhos, nas creches. Inicialmente argumenta o problema que tem como foco: De que forma os pais concebem o trabalho das professoras de Educação Infantil com crianças de 3 a 4 anos no município de Forquilha? Mesmo sendo que a inquietação principal era o fato de como os pais lidam com a vida escolar dos filhos, porém com a entrevista e a análise realizadas, podemos chegar a resultados bem favoráveis em relação à compreensão e valorização dos trabalhos educativos, realizados por professoras na educação infantil, indiferentemente de serem públicas ou particulares resultados esses, bem diferenciados do que imaginávamos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Crianças. Professor. Infância. Pais.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB-Lei de Diretrizes e Bases

RCNEI- Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

PCSC- Proposta Curricular de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 EDUCAÇÃO INFANTIL: DADOS HISTÓRICOS	11
2.1 Educação Infantil no Brasil	12
3 FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CUIDAR E EDUCAR.....	16
4 FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL QUE ATUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
5 RELAÇÃO ESCOLA COM A COMUNIDADE	26
5.1. Função da Família em relação à Educação Escolar.....	27
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	33
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE.....	44

1 INTRODUÇÃO

A ideia de pesquisar este tema partiu da observação da realidade que acontece em meu local de trabalho, uma Instituição de Educação Infantil. No período de um ano e meio que lá leciono, pude perceber uma grande diferença desta com outras instituições que já trabalhei. O fato inquietante é a forma com que os pais chamam as professoras e lidam com a educação escolar de seus filhos.

Nas conversas com alguns pais em meu cotidiano, faz me questionar se muitos deles sabem qual é o verdadeiro significado do trabalho do professor na Educação Infantil. Na escola em que trabalho as professoras são chamadas de tias, e muitos pais ao entregar seus filhos afirmam que os trouxeram para que brinquem o dia todo, parecendo desconhecerem o trabalho pedagógico que é realizado naquele ambiente escolar.

Essa convivência levou-me a crer que a forma de pensar e agir de muitos pais esta voltada à própria cultura da vila onde a escola está inserida, pois o trabalho com a Educação Infantil é de reconhecimento muito recente do próprio município, sendo este espaço destinado, há até três anos atrás, somente ao cuidar, ficando de lado o educar e o fazer pedagógico.

Hoje, um novo olhar se instaura sobre o que é a Educação Infantil, e isso advém de todo um histórico por qual já passou a própria concepção de infância. É importante enfatizar, que as transformações ocorridas em nossa sociedade contribuíram para esse novo olhar do que venha a ser a criança.

O professor exerce grande influência no desenvolvimento e personalidade do educando, e a escola é o primeiro contato que ela tem fora de seu ambiente familiar e, nesse momento, o professor deve exercer sua função com responsabilidade e acolhimento, tanto em relação aos pais como aos filhos, no trabalho da escola. Por isso ele deve estar consciente da importância de sua função na vida da criança.

Em alguns casos, a maneira de o professor agir e se relacionar com as crianças torna-se mais importante do que as próprias atividades previstas no currículo escolar. Sendo assim, o professor deve estar consciente de que sua contribuição, no processo de desenvolvimento para a autonomia das crianças, junto com os pais, é de forma fundamental.

Este estudo tem como problema investigativo: De que forma os pais

concebem o trabalho das professoras de Educação Infantil de 3 a 4 anos no município de Forquilha?

Afim de melhor organizar a reflexão proposta, elaboramos como questões norteadoras dessa pesquisa: Qual a função da professora na Educação Infantil? Qual a concepção dos pais sobre o papel da Educação Infantil na sociedade? O que leva os pais a matricularem seus filhos num centro de Educação Infantil? De que forma os pais acompanham a vida escolar de seus filhos?

O objetivo geral que norteou esta pesquisa foi: Analisar a concepção que os pais possuem sobre o trabalho das professoras de Educação Infantil com crianças de 3 a 4 anos no município de Forquilha, e dentre os objetivos específicos foram destacados: Identificar qual a função da professora na Educação Infantil. Analisar a concepção dos pais sobre o papel da Educação Infantil na sociedade. Compreender o que leva os pais a matricularem seus filhos num centro de Educação Infantil. Identificar as formas que a escola se utiliza para relacionar-se com os pais.

Foram utilizados estudos de pesquisas bibliográficas, como subsídios para analisar os resultados das entrevistas realizadas a campo e alcançar os objetivos propostos. Desta forma conseguimos aprofundar o entendimento sobre a concepção dos pais em relação ao trabalho desenvolvido pelas creches, na Educação Infantil com crianças de 3 e 4 anos.

Acredito que esta pesquisa trouxe ricas contribuições não somente para nós formandos, mas também para os ingressantes do Curso de Pedagogia, pois este tema nos leva a pensar, analisar e, conseqüentemente, propiciar respostas ao problema, sabendo de que forma podemos contribuir para que pais e a sociedade possam interagir e contribuir para o trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, enfatizando também que esse trabalho não pode ser visto a partir da perspectiva puramente assistencialista ou compensatória.

Este estudo está vinculado à Linha de Pesquisa Teoria e Prática Pedagógica, mais precisamente, ao Eixo Temático Processo Ensino-aprendizagem.

Foram envolvidos nesta pesquisa pais de três escolas de Educação Infantil do município de Forquilha (SC), sendo duas escolas da rede municipal e uma escola de rede privada.

Neste trabalho, inicialmente apresentaremos um referencial teórico dividido em quatro capítulos: *História da Educação Infantil no Brasil: Dados*

Históricos. Este primeiro capítulo foi construído basicamente embasado nos estudiosos Áries (1981) e Kramer (1982), o segundo capítulo *Função Social da Educação Infantil: cuidar e educar* baseia-se em alguns outros autores e em documentos específicos como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) e a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998). O terceiro capítulo aborda a *Formação do Profissional que Atua na Educação Infantil* e tem como base as autoras Barbosa e Horn (2008). E o quarto e último capítulo, *Relação da Escola com a Comunidade e Função da Família em relação à Educação Escolar*, tem embasamento teórico mais precisamente em Oliveira (2009), Barbosa e Horn (2008).

Para finalizar, enfatizamos a metodologia utilizada na pesquisa, a realização da análise dos dados pesquisados, o questionário que serviu de apoio à entrevista com os envolvidos na pesquisa e a conclusão desta.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL: DADOS HISTÓRICOS

Atualmente, podemos dizer que o sentimento de infância é respeitado e cultivado, mas esse processo sofreu modificações de forma gradativa, ou seja, essa visão foi sendo construída social e historicamente ao longo do tempo. Antigamente, por exemplo, a criança não tinha tanta autonomia como hoje, a liberdade de poder se expressar, correr e até mesmo brincar.

Segundo Áries (1981), na sociedade medieval, por exemplo, o sentimento de infância ainda não existia, a criança era considerada um pequeno adulto, que realizava e assumia tarefas dos mais velhos. Essas crianças não tinham maiores expectativas de vida, pois viviam sem valorização, o importante nesse tempo, era prepararem-se o mais rapidamente possível para a vida adulta.

Ainda bem pequenas, as crianças eram enviadas a outras famílias, para aprender os trabalhos domésticos e valores humanos, por meio da aquisição de conhecimentos e experiências vivenciadas. Essa ida para outra casa fazia com que a criança saísse do controle de sua própria família, não possibilitando a criação de vínculos afetivos entre pais e filhos. Nessa época, os colégios existentes eram dirigidos pela Igreja e estavam reservados para um pequeno grupo de clérigos.

Em meio a essa trajetória, Áries, (1981, p. 65) escreve que a concepção de infância começa...

[..] sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.

Pode-se dizer, então, que a descoberta do sentimento de infância deu-se, com o surgimento da modernidade. A partir daí, a criança começou a ser valorizada de forma mais significativa nas relações que acontecem na vida em sociedade. Dessa forma, percebe-se aos poucos, um avanço em relação ao que é infância, passando a existir dois sentimentos, o de paparicação e moralização. Isso significa que a infância começa a ser compreendida ora como sentimento de paparicação, reservado à criancinha nos primeiros anos de vida, enquanto ela ainda é engraçadinha e por isso, tratada como um “bibelô”, servindo de passa tempo e diversão para os adultos; ora como sentimento de moralização, voltado ao respeito a

tudo que estava ligado à educação moral e religiosa, educação esta, marcada por uma grande preocupação com a disciplina e racionalidade dos costumes das crianças.

Com a chegada da industrialização e do movimento feminista da década de 1960, as mulheres iniciam a luta por seus direitos e começam a sair para o trabalho fora de suas casas. Assim, estando as mães inseridas no mercado de trabalho, precisavam de alguém que cuidasse e alimentasse seus filhos em suas ausências. Observa-se que

A ideia de infância, [...] aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que muda a inserção e o papel social desempenhado pela criança na comunidade. Se na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo (“direto de adulto”) assim que ultrapassava o período da mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade. (KRAMER, 1987, p.19).

Assim um novo olhar começa a se instaurar sobre o conceito de criança, o que foi se tornando possível devido a preocupações de movimentos religiosos com sua saúde física e, também, a um novo sentimento que começava a nascer entre as relações familiares.

2.1 Educação Infantil no Brasil

No Brasil, a educação infantil inicialmente surge de forma assistencialista, e toda prática realizada era feita com a preocupação de suprir carências de moradia, carinho, saúde e de alimentação. As creches populares serviam para atender tanto os filhos das mães que trabalhavam na indústria, como também os filhos das empregadas domésticas.

O atendimento nas creches populares dava-se somente no que se referia à alimentação, higiene e segurança física, chamadas de Casa dos Expostos ou Roda dos Expostos, sendo que a primeira delas surgiu no Rio de Janeiro. Essas crianças colocadas na roda eram alimentadas, assistidas e muitas vezes instruídas e, na maioria das vezes, só eram liberadas depois de estarem aptas ou em condições de agirem de forma mais saudável e produtiva no meio em que viviam.

As primeiras creches que surgiram no Brasil após a roda dos expostos,

eram instituições assistencialistas, com a função de cuidar das crianças mais carentes, tendo como uma das principais preocupações a redução da mortalidade infantil. Sendo assim, sentiu-se a necessidade de ser criada alguma documentação que orientasse o trabalho dessas instituições como:

[...] elaborar leis que regulassem a vida e a saúde dos recém-nascidos; regulamentar o serviço das amas de leite; velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender as crianças pobres doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas; [...] (KRAMER, 1987, p. 52).

Com as mudanças econômicas, políticas e culturais da estrutura social e econômica do país, a concepção de infância começa, portanto, a se modificar, enfatizando a valorização e os sentimentos que antes não eram atribuídos a esse período de desenvolvimento do ser humano. Por esse motivo, as crianças começam a ter a oportunidade de escolarização o que antes era um fator socialmente inexistente. As creches populares modificam suas funções em relação ao atendimento dispensado às crianças de famílias de baixa renda, superando a pura preocupação com a sua saúde física.

A modificação na função das instituições infantis foi assim descrita por Kramer, (1987, p. 25).

As crianças das classes sociais dominadas (economicamente desfavorecidas, exploradas marginalizadas, de baixa renda) são consideradas como 'carentes', 'deficientes' 'inferiores' na medida em que não correspondem ao padrão estabelecido. Faltariam as crianças, "privadas culturalmente", determinadas atributos, atitudes ou conteúdos que deveriam ser nelas inculcidos. A fim de suprir as deficiências de saúde nutrição, as escolares, ou as do meio sociocultural em que vivem as crianças, são propostos diversos programas de educação pré-escolar de cunho compensatório.

A educação compensatória surge com a suposta função de ajudar as crianças e famílias carentes a trabalharem e dessa forma superarem a pobreza. Nesse caso, as instituições infantis, além de preocuparem-se com a assistência necessária para a sobrevivência da criança, iniciam um trabalho também voltado para a estimulação cognitiva, visando compensar também as suas deficiências culturais.

Para Piletti e Rossato (2010), com a revolução de 1930, e sob o domínio de um Estado forte e centralizador, as creches passaram a ser controladas pelo

setor público, mas as novas instituições criadas para esse fim não deixaram de dar continuidade ao um caráter higiênico, assistencialista e compensatório.

No século XIX, a Pré-Escola dá início a uma visão mais voltada à educação da criança como um ser em desenvolvimento, do que ao modo assistencialista, visão esta que ainda predomina até os nossos dias. Passou, então, a ser pensada e reivindicada como lugar de educação e cuidados coletivos das crianças de zero a seis anos. Nada surgiu por acaso, pois essa mudança resultou das lutas realizadas por movimentos sociais, governos e estudiosos, reivindicando melhorias em relação às creches e pré-escolas, sobre as quais investiram e buscaram ampliar o direito à educação das crianças dessa faixa etária.

No entanto, Kramer (1987) afirma que as Instituições de Educação Infantil, criadas na década de 1970, inicialmente ainda visavam o objetivo de lapidar as crianças para que não fracassassem na escola, ou seja, priorizando a função compensatória. Segundo a autora, tratava-se de um modelo advindo dos princípios de educação tradicional e preparavam as crianças para a leitura e escrita.

Outra conquista muito importante para o âmbito da Educação Infantil, foi a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB nº 9394/96 que define e organiza a Educação Infantil no Brasil, ressaltando a importância do trabalho das creches e pré-escolas no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, passando assim a reconhecer a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica.

[...] os fundamentos legais explicam que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como a finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (SANTA CATARINA, 1998. p.22).

Dessa forma, percebe-se a infância como uma construção social, sendo a criança um sujeito único e histórico que deve ser valorizado em sua totalidade. Hoje, mais do que nunca, para a criança é fundamental o acompanhamento pedagógico, no qual o cuidar e o educar caminham juntos.

Segundo Kramer (2009), a Educação Infantil passa a ter papel social importante no desenvolvimento humano e social. Embora, a prioridade ainda seja dada ao Ensino Fundamental, como acesso à permanência das crianças e aquisição

dos conhecimentos, isso não contraria ou invalida a importância da Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica para todos.

Conforme a Proposta Curricular de Santa Catarina, a Instituição de Educação Infantil tem como objetivo proporcionar aprendizagem de acordo com a realidade em que a criança está inserida, respeitando sua individualidade e suas diferenças, tendo como base uma teoria que sustente a sua prática e caráter pedagógico. (SANTA CATARINA, 1998).

Para tanto, faz-se necessário contribuir para que a criança aprenda de forma significativa, sempre respeitando seu jeito particular de ser e levando em conta suas especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas. Dessa forma, é necessário então, entender a criança como um ser pensante e atuante no meio em que está inserida, embora possua seu jeito peculiar e simples de ver, aprender e realizar as coisas. À Educação Infantil cabe proporcionar-lhe espaço e desafios adequados para que ela possa construir significações acerca do mundo e de si mesma por meio das relações que vivencia.

Nesse constante, mudanças recentes surgem com o intuito de ainda melhorar o âmbito da Educação Infantil no Brasil, trata-se da reforma dos Referenciais e Diretrizes Curriculares da Educação Infantil aprovados em 17 de dezembro de 2009. Esse documento propõe contribuir com propostas que melhorem as práticas nas instituições de Educação Infantil.

Para tanto o RCNEI afirma que as crianças têm direitos antes de tudo, de viver experiências prazerosas nas instituições e, ainda assim, o trabalho educativo deve ter como meta a preocupação de desenvolvimento das especificidades afetivas, sociais e cognitivas, sendo estas oferecidas com base em alguns princípios como: respeito à dignidade e aos direitos das crianças nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas e outras; o direito de a criança brincar; acesso aos bens socioculturais disponíveis; a socialização das crianças por meio de sua participação e sua inserção nas mais diversificadas práticas sociais e ainda o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL, 1998).

3 FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CUIDAR E EDUCAR

As mudanças sociais que ocorreram e ocorrem na sociedade brasileira, têm consequências e efeitos diferenciados entre várias gerações, conforme a situação concreta em que se inserem cada uma delas. A infância enquanto categoria social sofre essas mudanças de um modo particular, como já foi descrito no capítulo anterior.

A visão da função que antes, em uma Instituição de Educação Infantil, era voltada para um puro assistencialismo ou mera compensação cultural, hoje, é percebida de forma muito peculiar. Um dos aspectos mais importantes que surgiu dessas mudanças está no fato de que a função de cuidar ganhou novo significado e sentido quando aliado à de educar sob a perspectiva histórico-cultural, pois implica em uma prática bem diferenciada das realizadas na visão assistencialista ou compensatória.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p. 23).

Porém, ao falarmos em cuidar e educar, de modo geral é automático que nossa imaginação pense sobre dois termos separados, mas na verdade esta função sócio-educacional das Instituições de Educação Infantil, o cuidar e educar devem estar interligados entre si, de modo que reflita em uma prática interativa no cotidiano, pois isso é de suma importância para o pleno desenvolvimento integral da criança.

Desta forma, o próprio termo cuidar, ganha um significado mais profundo e abrangente, pois...

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é o ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. (BRASIL, 1998, p. 24).

Assim, percebe-se o cuidar e educar como uma aplicação à ação pedagógica, visando a integração do desenvolvimento da criança com base em concepções que respeitem a diversidade e especificidades peculiares à infância.

Trata-se de concepções fundamentadas em teorias como a de Piaget e de tantos outros estudiosos da área da educação tais com Vygotsky e Wallon que concebem o ser humano como sujeito cultural, cujo desenvolvimento acontece do social para o individual.

Para Forest (2011), cuidar e educar implica reconhecer que o desenvolvimento, a construção de saberes, a constituição do ser não ocorre em momentos e compartimentadas. A criança é um ser completo, tendo sua interação social e construção como um ser permanentemente estabelecido e se estabelecendo em tempo integral, ou seja, não se trata somente de 'um vir a ser', mas de um sujeito que 'é', portanto, que vive, cria, imagina, pensa, age e interage significativamente no meio em que vive, de acordo com suas características infantis. Para tanto:

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos, sobre desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades sócio-culturais. (BRASIL, 1998, p. 25).

Nesse sentido, as novas diretrizes apontam que o cuidar e educar devem e precisam caminhar juntos. Cabe aos educadores de uma Instituição de Educação Infantil garantirem que o cuidar e o educar aconteçam de forma integrada, sendo essas ações planejadas e desenvolvidas por meio de atividades significativas para a vida da criança, tendo em vista novas aprendizagens.

Toda Instituição Infantil deve possibilitar a interação social da criança com adultos ou colegas, por meio de brincadeiras, que auxiliam no desenvolvimento de sua identidade sócio-cultural, tanto no ambiente escolar como no familiar. Deve, também

[...] tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação (BRASIL, 1998, p. 23).

Partindo desses pressupostos, a Educação Infantil assume seu papel social que é o de desenvolvimento integral da criança, tendo como alicerces o cuidar/educar. Embora ainda se tenha uma visão distorcida do ingresso da criança de 0 a 5 anos, na Educação Escolar Infantil, observa-se, ao mesmo tempo, uma preocupação no sentido de que esse processo tenha uma continuação, que neste caso, é o acesso ao Ensino Fundamental que é a segunda etapa da Educação Básica.

Toda educação deve ter a função de proporcionar ao indivíduo condições ao pleno desenvolvimento de suas capacidades inatas e adquiridas de forma constante, interativa, e possibilitando a compreensão de significados relativos ao meio em que vive. Na Educação Infantil também não é diferente, pois todos os cuidados, voltados às práticas pedagógicas nessas instituições, devem integrar o cuidar e o educar de forma dinâmica e processual. Assim o brincar, nesse contexto, deve permear muitas ações ou atividades que permitam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e cultural, além de outros de maneira integrada e lúdica, como é o caso dos jogos simbólicos.

As crianças, por meio de suas brincadeiras principalmente nas quais está presente a imitação, expressam seus sentimentos, pois vivenciam e experimentam a vida adulta por meio da imaginação, fantasiando suas ações.

[...] Portanto, as instituições de educação, cada vez mais cedo e por mais tempo, são consideradas como espaço adequado aprimorado e estruturado, onde as crianças ainda bem pequenas iniciam um elaborado processo de aprendizagem, num espaço que pode e deve se constituir como um lugar privilegiado para a vivência da infância. (SANTA CATARINA, 1998, p. 49)

Nesse processo de desenvolvimento infantil, por meio de ações que visam o cuidar e o educar, torna-se importante que a brincadeira favoreça:

[...] a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. (BRASIL, 1998, p. 27).

Pensando assim, faz-se necessário que as instituições analisem e garantam a organização dos espaços para que esses favoreçam as interações pessoais e de grupo, pois é por meio delas que as crianças conseguem desenvolver, construir e reconstruir sua aprendizagem, tornando-a mais criativa e significativa.

Piaget e Vygotsky (apud KRAMER 1999) nos comprovam isso, trazendo-nos grandes contribuições ao conhecimento de a criança ser e modificar-se. Kramer (1999) escreve que para Piaget “a criança estabelece interações com o meio físico, com os objetos do meio físico, não importando, primordialmente, as características desse meio.” Para ele, as interações são importantes porque contribuem para o desenvolvimento do pensamento. Nesse sentido, o meio físico também é considerado desafiador, pois permite e proporciona mudanças e transformações.

Kramer (1999) afirma ainda que, para Vygotsky, a criança estabelece relação com um meio sempre definindo com base nas características sociais e culturais e, por isso, repleto e variável em significações nos diferentes contextos em que é verificado. O meio natural é para Vygotsky, o mediador do processo de desenvolvimento; o lugar onde as ações do sujeito social encontram sentido e significado.

Dessa forma, toda ação educativa deve respeitar e considerar o brincar como atividade necessária para o desenvolvimento psicológico, emocional e cognitivo da criança. Cabe ao educador em todo momento proporcionar às crianças condições para as aprendizagens, sendo ele o mediador neste processo, principalmente, durante o período em que a criança se encontra sob a responsabilidade da Instituição Escolar.

Um dos conceitos importantes apresentado pela teoria de Vigotsky (apud REGO, 1995), que de certa forma ajuda a entender melhor o papel do professor em relação ao aprendizado do aluno é a mediação. Entende-se que o papel mediador acontece quando o professor interfere na construção do conhecimento deste aluno, como por exemplo: a criança já tem o seu nível de desenvolvimento real, mas para ela aprender conceitos novos que se situam em seu nível de desenvolvimento proximal/potencial, necessita de ajuda de alguém mais experiente. É neste momento de seu desenvolvimento que entra a interferência do professor com o propósito de mediar a apropriação desses conhecimentos pelo aluno. Sobre esse conceito de mediação, assim esclarece a teoria vigotskyana:

O aprendizado é responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual. VIGOTSKY,(apud REGO 1995, p.74).

Nessa linha de pensamento, a finalidade da educação é favorecer os processos de humanização e de apropriação da capacidade de pensamento crítico, por isso a escola deve “trabalhar com o que ainda não está formado no aluno (adiantando-se ao seu desenvolvimento), buscando o controle das atividades e privilegiando a autonomia, a criatividade, automotivação e a diferenciação.” (MENDONÇA; MILLER, 2006. p. 72).

O papel educativo e social da Educação Infantil é importante na vida de uma criança, pois é um ambiente construtivo em que, as crianças podem explorar, imitar, olhar, escutar, e expressar-se em contato com os outros colegas da mesma idade, reconhecendo no educador o mediador do processo.

4 FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL QUE ATUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil as mudanças no sistema educacional e também com o olhar sobre a nova concepção de infância, a formação do profissional que atua na Educação Infantil começa a ser revista. O professor que antes atuava nas Instituições Infantis nomeadas até então como “creches”, na grande maioria das vezes, não tinha uma formação adequada para tais funções. (BRASIL, 1998)

O RCNEI cita que muitos desses profissionais tinham como formação o Curso Normal, e outros atuavam somente com a formação do Ensino Fundamental. Hoje, percebe-se que há exigências crescentes de qualificação desses profissionais em níveis cada vez mais elevados de escolaridade. Essas modificações iniciam-se com a elaboração de algumas legislações que vêm com o intuito de favorecer o aprofundamento dos saberes pedagógicos, assim como ampliar as possibilidades da prática dos professores. (BRASIL, 1998).

Segundo Piletti e Rossato (2010, p. 83), o fato é que, em 1994, com os novos documentos *Por uma política de formação do profissional de educação infantil e Política Nacional de Educação Infantil*, o MEC reconhece, entre outras coisas, que:

- a) A formação do professor e sua capacitação específica são fatores importantes para se alcançar a qualidade profissional;
- b) Os trabalhadores de educação infantil devem ser tratados como profissionais da educação e que, portanto, é preciso oferecer a eles as condições de trabalho, plano de carreira, salário e formação continuada;
- c) A formação dos profissionais da Educação Infantil deve se guiar por diretrizes que assegurem formas de formação, especialização, atualização, formação em nível médio e superior que contemplem conteúdos específicos dessa etapa educacional.

Neste contexto, o cenário da formação dos profissionais, não só da Educação Infantil, mas também de toda Educação Básica no Brasil, começa a ser alterado. Para tanto, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) dispõe, no título VI, art.62:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Foi somente a partir da aprovação desta lei 9394/96 que o trabalho do professor começou a ser reconhecido no quesito formação, e este tema ainda traz muitos questionamentos, pois a função do profissional de Educação Infantil necessita ainda passar por mudanças profundas principalmente ao que se refere à questão de uma fase de desenvolvimento da criança integrada à educação básica como um todo.

Atualmente por exemplo, a formação para a atuação nas Séries Iniciais, Ensino Fundamental e Educação Infantil, começa a ocorrer nas universidades e no Ensino Superior conforme a LDB, art. 62 citado acima. Além disso, para atender a demanda dessa lei os professores normalistas que já estavam inseridos no trabalho da educação infantil, voltam a complementar seus estudos, tendo a opção de cursos de modalidade à distância na formação de pedagogia, ou de cada área específica em que esse profissional leciona.

O profissional de Educação Infantil tem a responsabilidade de proporcionar às crianças interações que estabeleçam um papel importante no desenvolvimento individual e social do ser humano. Para tanto:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação. (BRASIL, 1998, p. 410).

Hoje, ser um profissional de Educação Infantil significa ter o desenvolvimento da criança como foco central de trabalho escolar. Como educador, seu papel principal é respeitá-la, entendê-la e ajudá-la a se desenvolver, em todos os aspectos pertinentes a esta etapa.

Ser professor, portanto, vai muito além de ser a simples 'tia' do sobrinho. Nesse sentido, Freire (2009) ressalta que: a professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora e trabalhar com alunos. Isto não significa, porém que a tarefa de ensinar transforme a

professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles.

A diferença de ambos é muito peculiar, pois ensinar é uma profissão que envolve muita tarefa, responsabilidade e especificidades próprias da função de mediador do aprendizado escolar, já o ser “tia” é realmente viver um grau de parentesco. Paulo Freire faz essa reflexão no sentido de chamar a atenção dos profissionais para, que acima de tudo, não de se deixe levar pelo sentimentalismo exagerado nas relações desenvolvidas em sala de aula.

Como profissional da educação, o professor deve respeitar e acolher as crianças com carinho, amor e dedicação, sem esquecer-se de que essas atitudes devem ser aliadas a sua função de desafiar e orientar as crianças para que possam construir seus conhecimentos a partir das experiências já adquiridas de vivências em seu cotidiano. O professor não é um simples transmissor de informações ou puro recreador, mas sim aquele que ajuda o aluno, no seu processo de construção de conhecimento. Para Freire (1996), saber ensinar não é transferir conhecimento ao aluno, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua própria construção. A perspectiva vygotskyana, vem reforçar essa ideia ao defender que o papel do professor não está em ser somente um facilitador do desenvolvimento das estruturas operatórias; ele é responsável pela transmissão da cultura e mediador social para a sua apropriação, por parte dos alunos. Na sala de aula então, é preciso não só despertar-lhes o desejo de aprender, mas ajudar na construção do saber, pelo qual ele, professor, é o responsável.

Torna-se importante os professores buscarem meios de entender o que acontece na sala de aula, as atitudes das crianças, as concepções que elas têm, dessa forma eles podem estar elaborando seus planejamentos e propor tarefas e desafios adequados. Para tanto, o professor precisa conhecer seu aluno. É somente por meio desse conhecimento que o professor pode auxiliá-lo na construção do conhecimento.

A criança, nessa fase de desenvolvimento, na maioria das vezes, aprende no brincar, por meio das brincadeiras elas desenvolvem capacidades únicas e importantes para o seu crescimento.

Pensar sobre isso implica em que o profissional de ensino infantil tenha um olhar voltado a entender que as crianças em sua totalidade possuem curiosidades e questionam constantemente sobre o mundo que está a sua volta, na

procura de respostas para suas dúvidas. Neste sentido:

É, portanto, função do professor considerar, como ponto de partida para sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que são expostas. Detectar os conhecimentos prévios das crianças não é uma tarefa fácil. Implica que o professor estabeleça estratégias significativas e didáticas para fazê-lo. (BRASIL, 1998, p. 33).

Portanto, é importante enfatizar que o professor precisa nortear e fundamentar sua prática pedagógica para que esta lhe atribua sentido, ou seja, tenha significado, principalmente para as crianças, pois elas precisam estar num meio em que o processo ensino-aprendizagem aconteça de forma prazerosa e produtiva para isso uma aula bem planejada é fundamental.

A interação da Instituição de Educação Infantil e a comunidade em que está inserida torna-se indispensável no processo educativo, pois as crianças nessa idade são, ainda, muito dependentes e, se a educação escolar estiver aliada à familiar, a contribuição para o desenvolvimento delas será muito mais positiva e significativa.

Nessa perspectiva, as ações escolares devem ser pensadas, organizadas e estruturadas, principalmente o trabalho do professor deve ser incorporado em práticas de maneiras a organizar suas funções. É recomendável que o trabalho na Educação Infantil aconteça por meio de projetos, pois:

Os projetos são conjuntos de atividades que trabalham com conhecimentos específicos construídos a partir de um dos eixos de trabalho que se organizam ao redor de um problema para resolver ou um produto final que se quer obter. Possui uma duração que pode variar conforme o objetivo, o desenrolar das várias etapas, o desejo e o interesse das crianças pelo assunto tratado. (BRASIL, 1998, p. 58).

Ainda assim os projetos devem ser desenvolvidos de acordo com a necessidade das crianças, pois precisam ser significativos e estar integrados com sua realidade. Um dos benefícios do trabalho com projetos é o de possibilitar à criança a construir sua aprendizagem de que a partir de um assunto podem estabelecer muitas relações, ampliando assim um universo de ideias sobre o assunto de seu interesse.

Para Barbosa e Horn (2008, p. 85), “os projetos demandam a criação de uma escuta atenta e de olhar perspicaz, isto é uma desenvolvida capacidade de

observar, de escutar do docente para ver o que está circulando no grupo, quais os fragmentos que estão vindo à tona, quais os interesses e necessidades do grupo. É preciso, ainda, conhecer e registrar os modos como cada criança se envolve e participa na construção dos conhecimentos propostos em um projeto. Essa observação é permeada pela subjetividade do educador, pois observar não é perceber a realidade mas sim construir uma realidade.

Neste sentido, percebe-se a importância dessa temática na elaboração do planejamento pedagógico, isso nos faz pensar, refletir e analisar constantemente nossas práticas, como necessidade de ampliar nossos conceitos sobre o verdadeiro significado do trabalho e da formação do Profissional de Educação Infantil.

O RCNEI nos aponta, também qual deve ser o perfil do profissional de Educação Infantil, como deve ocorrer sua formação, de que forma deve conduzir suas aulas, ou seja, sugestões de melhoramentos para o bom andamento de seu trabalho. Além disso, esse documento ainda enfatiza a importância da organização e planejamento coletivo:

Por meio de suas ações, que devem ser planejadas e compartilhadas com seus pares e outros profissionais da instituição, pode-se construir projetos educativos de qualidade junto aos familiares e às crianças. A ideia que preside a construção de um projeto educativo é a de que se trata de um processo sempre inacabado, provisório e historicamente contextualizado que demanda reflexão e debates constantes com todas as pessoas envolvidas e interessadas. (BRASIL, 1998, p.41)

É importante, pois que toda instituição infantil busque oferecer ambientes significativos, que facilitem o desenvolvimento de atividades integradas, solidárias e acolhedoras, abrindo, assim, espaço para realização de projetos coletivos, envolvendo também as famílias. Com isso, terá a certeza de que juntas, mais facilmente poderão vencer os conflitos e as contradições que, de certa forma, percorrem os caminhos da educação, em busca da autonomia do ser humano como sujeito pensante, ativo e interativo, construindo-se, no seu dia a dia, por meio das interações socioculturais no meio em que vive.

5 RELAÇÃO ESCOLA COM A COMUNIDADE

De acordo com o Dicionário Aurélio (1989, p. 219), escola significa estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino coletivo. Nesse contexto podemos enfatizar que quando se fala de uma construção coletiva, faz-se uma ligação com a palavra relação. Procuramos, então, abordar nesse capítulo o tema relação/escola/comunidade como partes integrantes do processo voltado para o desenvolvimento de indivíduos. Para tanto, encontramos em Barbosa e Horn (2008, p. 89) o seguinte conceito:

A escola possui extrema força social e grande poder político, constituindo uma necessidade da democracia. Há que criar homens e mulheres que saibam pensar, falar, criticar, e construir relações de ajuda, apoio e confiança, colaboração e alternativas fraternas de vida, pois certos conhecimentos são necessários para que possa adquirir a cidadania e não perder a liberdade.

Neste sentido, não há como pensar em aprendizagem significativa, sem levar em conta o contexto em que a criança está inserida, nem tão pouco, pensar que a relação escola/comunidade não sejam parcerias indispensáveis para um possível processo de educação de qualidade.

O papel da escola está em oportunizar às crianças a construírem seus conhecimentos, partindo do meio em que vivem, principalmente na valorização da cultura de sua comunidade.

A LDB ainda contribui com essa ideia quando enfatiza em seu art. 1º que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Ainda para complementar Barbosa e Horn (2008) escrevem:

Para que a escola tenha sentido na vida das crianças e dos jovens, é preciso que ela seja construída a partir dos signos específicos de cada comunidade, integrada aos significados mais amplos da cultura universal. [...] Neste sentido, pensar em escola como comunidade educativa, que inclui em seus projetos a participação da família e da comunidade, significa ampliar as fronteiras sociais.

A escola assim concebida torna-se um espaço social de construção de saberes, onde os educandos constroem sua aprendizagem e trocam conhecimentos

uns com os outros. É importante também que o professor crie um vínculo com as crianças de forma favorável para que os pais estabeleçam esse mesmo vínculo de confiança com a escola. Para a criança, a instituição de educação infantil, é o primeiro espaço em que ela receberá educação, sem ser aquela advinda de sua casa, ou seja, a educação familiar.

Nesta perspectiva:

É preciso ver esse espaço educativo [...] como lugar de criação cultural e não apenas de divulgação de saberes; de experimentação e não de sacralização do instituído; de procura de sentidos e não de fixação e padronização de significados. O ensino perde seu caráter mecânico e arbitrário para converter-se na aprendizagem do funcionamento da vida. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 89)

Portanto os pais devem ser grandes aliados da escola nesse processo educativo de seus filhos. Para isso, a escola deve incluir a participação dos pais e da comunidade na construção de seu projeto pedagógico, facilitando e estabelecendo regras comuns para a educação das crianças. Assim, todos os envolvidos neste processo conscientizam-se de que é necessário respeitar as idéias de cada um em comum, para fim de que escola e família possam construir conjuntamente estratégias que permitam o desenvolvimento saudável da criança.

Para o RCNEI existem oportunidades variadas de incluir as famílias no projeto institucional. Há experiências interessantes de criação de conselhos e associações de pais que são canais abertos de participação destes na gestão das unidades educacionais. (BRASIL, 1998).

Neste contexto, a prática desta instituição é valorizada quando: “Os modos como a escola e a professora olham, escutam, relacionam-se com as crianças produzem nos pais e nas mães outros modos de olhar, sentir conversar e dialogar. E isso é educação social.” (BARBOSA; HORN, 2008, p. 90).

5.1. Função da Família em relação à Educação Escolar

O grande estudioso Áries em seu livro *A história social da criança e da família* afirma que foi somente a partir do século XVIII que a família começou a ter sua real função, ou seja, as crianças começaram a ser cuidadas e educadas no seio

da família, percebendo-se atitudes de carinho, compreensão e afeto em relação à criança, antes enviada para ser educada em outras famílias.

Historicamente, a família tem sido considerada o ambiente ideal para o desenvolvimento e a educação de crianças pequenas. Essa é a posição de alguns sistemas educacionais, que sustentam que a responsabilidade da educação dos filhos, particularmente quando pequenos, é da família e assumem um papel de meros substitutos dela, repetindo as metas embutidas nas práticas familiares. (OLIVEIRA, 2009, p. 175)

O papel da família por muito tempo foi concebido como o dever de ensinar valores, o da escola o de transmitir conteúdos. Assim cada instituição efetuava sua função em relação ao atendimento que davam as crianças. Porém com as mudanças que ocorreram na estrutura da sociedade até os dias atuais grandes mudanças ocorreram e ocorrem também na concepção de educação do ser humano. Hoje, está mais explícito de que a educação da criança deve acontecer de forma conjunta, exigindo uma cumplicidade entre escola e família para que o processo tenha mais significado para todos os envolvidos.

A própria constituição (art. 227, 1988), assegura de que a educação é dever da família, além do contexto de educação escolar. Cabe à família assegurar à criança e ao adolescente o direito à vida, saúde, alimentação, ao lazer e a tantos outros benefícios que garantam o bem estar delas, e a Instituição Infantil, o dever de, a partir de experiências vivenciadas no contexto familiar e social, ampliar a concepção ou visão de vida e de mundo para que os indivíduos neles possam intervir conscientemente.

A troca de informações e de ideias entre família e a escola é essencial, em minha opinião, para que a criança possa integrar-se ao ambiente escolar de modo favorável e para que os pais estabeleçam com a escola um vínculo de confiança. A intervenção de pais e mães deve ser percebida pela escola como um fator que pode auxiliar na melhoria do trabalho desenvolvido. Deve haver um espaço não apenas para críticas ou sugestões, mas para que a educação seja realmente encarada de modo cooperativo. (ABUCHAIM, 2009, p. 39)

Faz-se necessário, no entanto a relação escola/família, pois, ainda de acordo com a autora, a participação dos familiares na escola ajuda também na reformulação das práticas educativas, que aí se desenvolvem, e deve tornar-se uma prática contínua entre ambos permeado pelo respeito e ajuda mútua

Para Oliveira (2008, p. 181). A participação dos pais e outros familiares

pode se dar por meio dos conselhos escolares e também na organização de festas nas creches e pré-escolas servindo para agregar experiências e saberes e para aproximar contextos de desenvolvimento das crianças, articulando suas experiências.

A família tem o papel da primeira ordem na trajetória social das crianças, porque é ela juntamente com a instituição que será responsável pelo crescimento cultural, daí a necessidade das Instituições de Educação Infantil promover iniciativas de interação com as famílias, para que as ambas tenham a oportunidade de participar das atividades cotidianas e dos projetos educacionais, bem como principalmente das reuniões pedagógicas além de encontros específicos para os pais dessas crianças. Pois “de fato, a escola não pode ser mais uma instituição isolada de si mesma, separada da realidade circundante, mas integrada numa comunidade que interage com a vida social mais ampla.” (LIBÂNEO, 2000, p. 20).

A participação da família na escola deveria ocorrer em todos os aspectos, isso demonstra um direito da família e uma necessidade da escola. Mas esse tão sonhado modelo de relação escola/família muitas vezes não acontece na prática. Elas devem ser parceiras, mantendo vínculos constantes para que uma complemente a outra no processo de cuidados com a criança e em sua formação como um todo.

As crianças têm direito de ser criadas e educadas no seio de suas famílias. O Estatuto da Criança e do Adolescente reafirma, em seus termos, que a família é a primeira instituição social responsável pela efetivação dos direitos básicos das crianças. Cabe, portanto, às instituições estabelecerem um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo infantil. (BRASIL, 1998, p. 76).

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil vem, pois nortear essa prática coletiva mostrando como deve ocorrer o trabalho de uma Instituição de Educação Infantil em parceria com a família. BRASIL, (1998).

Não há como negar que este processo deve ocorrer de forma conjunta facilitando e atendendo as necessidades atuais de uma sociedade mais justa e democrática. Assim:

Para trabalhar de modo produtivo no estabelecimento de uma aproximação com as famílias, os professores de creches e pré escolas devem considerar que a família nuclear típica da cultura burguesa não é, hoje a única referência existente. Além disso, as condições de trabalho existentes em

nossos dias produzem problemas numerosos e diversificados a respeito da guarda da infância. (OLIVEIRA, 2008, p. 176).

É importante que a escola conheça a realidade de cada família e respeite suas vivências, procurando interagir de forma peculiar em cada situação. É importante também que neste momento o profissional da educação possua habilidades suficientes para intervir no exato momento em que for preciso, auxiliando os pais na elaboração de recursos para o desenvolvimento da criança.

Embora por muito tempo houve uma separação do papel escola/família, podemos dizer que estamos conseguindo progressos significativos nesta parceria que é tão importante.

Segundo Oliveira (2008, p.179), a escola tem grande poder na construção de sujeitos que saibam pensar, falar, criticar e construir. A solução é coletiva, só precisamos aprender a dialogar. E nesse contexto o diálogo deve acontecer, principalmente entre professor e aluno e acima de tudo entre a escola e familiares.

6 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi fundamentada em princípios da abordagem dialética, onde entre o sujeito e o objeto existe uma relação, que se pode analisar, investigar e questionar. Na abordagem dialética, o objeto de estudo é analisado dentro do seu contexto histórico-cultural, para melhor ser compreendido. Visto que os resultados de uma pesquisa qualitativa consistem sempre em uma aproximação da realidade pesquisada, que não pode ser reduzida a nenhum dado numérico, mas de toda uma realidade que se pode observar e interrogar em torno da problemática.

A presente pesquisa está vinculada à Linha de Pesquisa Teoria e Prática Pedagógica, mais precisamente ao Eixo Temático Processo Ensino-aprendizagem e foi desenvolvida dentro de uma perspectiva qualitativa para melhor análise do problema, sem negar a quantitativa.

A expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distancia entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contextos e ação. (NEVES, apud MAANEN, 1979 a, p. 520).

Para analisar de que forma os pais concebem trabalho das professoras de Educação Infantil de 3 a 4 anos no município de Forquilha, foi necessário a realização de uma pesquisa de campo, exploratório-descritiva. O intuito da pesquisa exploratório-descritiva é a facilitação da compreensão do problema e a familiarização do pesquisador com a realidade.

Para Gil (1991, p. 45), “geralmente na pesquisa exploratória, o pesquisador trabalha com o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas, com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão”.

A pesquisa de caráter descritivo tem função de descrever as características dos pesquisados diante do problema em questão, destacando suas semelhanças e diferenças, ou seja, por intermédio da pesquisa buscamos identificar esses pontos nas respostas. Também com essa pesquisa pretendemos levar novos conhecimentos e ampliar conceitos e significações a cerca da visão que os pais tem

sobre o trabalho das professoras de Educação Infantil, com crianças de 3 e 4 anos, mais especificamente, em três creches no Município de Forquilha.

Geralmente uma pesquisa de campo é feita após o estudo bibliográfico, para que a pesquisadora possa ter maior domínio sobre o assunto. Partindo desse princípio realizou-se um estudo mais aprofundado sobre o tema proposto, tendo como suporte vários autores. Com base no referencial produzido, foram redefinidos com maior compreensão os objetivos da pesquisa, assim como, os procedimentos para a coleta de dados e a maneira de esses dados serem analisados.

Dessa forma elaborou-se um questionário contendo questões que nortearam as entrevistas realizadas e gravadas, das quais foram coletadas as informações necessárias para a análise do tema em estudo.

Para Ventura (2002, p. 79), a pesquisa de campo deve merecer grande atenção, pois devem ser indicados os critérios de escolha da amostragem (das pessoas que serão escolhidas como exemplares de certa situação), a forma pela qual serão coletados os dados e os critérios de análise dos dados obtidos.

Esta pesquisa foi realizada em três Instituições de Educação Infantil do Município de Forquilha, sendo duas da rede de ensino pública e uma da rede privada. Ao todo, foram envolvidos doze pais que tinham filhos e filhas frequentando as unidades escolhidas para essa pesquisa.

A entrevista aconteceu por meio de um diálogo da pesquisadora com os pais pesquisados. Antes do início de entrevista, foi esclarecido a eles o objetivo da pesquisa, sua finalidade e a importância que sua participação teria no desenvolvimento deste trabalho acadêmico, para que a pesquisadora pudesse concluir sua graduação e, também para a melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas nas Instituições de Educação Infantil com crianças de 3 a 4 anos de idade.

As entrevistas foram transcritas pela pesquisadora, e foram passadas por pequenas revisões ortográficas a fim de servirem de citação durante a análise dos dados, buscando dar respostas ao problema e objetivos propostos e servirem de subsídios para a elaboração da conclusão dessa pesquisa.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo abordará a análise dos resultados das entrevistas realizadas com doze pais de crianças com idade de 3 a 4 anos, matriculadas em três Instituições de Educação Infantil, do Município de Forquilha. As escolhas dos pais foram feitas aleatoriamente, contendo uma amostra de quatro pais de cada escola, abrangendo quatro pais com pós-graduação, quatro pais com graduação, e quatro que cursaram o ensino fundamental e médio.

Esta pesquisa teve como objetivo principal o de analisar qual a visão dos pais sobre o trabalho das professoras de Educação Infantil de 3 e 4 anos, no Município de Forquilha.

O instrumento utilizado foi um questionário com doze questões que serviu de base para as entrevistas realizadas. As primeiras questões tiveram como objetivo identificar a idade, quantidade de filhos e o grau de escolaridade dos pais envolvidos na pesquisa. Para melhor visualização, esses dados estão apresentados no quadro a seguir:

Identificação dos Pais

Pais	Idade	Nº de filhos	Escolaridade
A	28 anos	2	E.F
B	30 anos	1	E.S.
C	27 anos	1	E.S. P
D	29 anos	1	E.F
E	36 anos	1	E.F
F	42 anos	1	E.S
G	46 anos	1	E.S
H	33 anos	1	E.S. P
I	28 anos	1	E.F
J	34 anos	1	E.S.P
L	40 anos	2	E.S. P
M	24 anos	2	E.S.

Fonte: Pesquisa- 2011

Legenda: E.F: Ensino Fundamental.

E.S: Ensino Superior.

E.S. P: Ensino Superior com Pós Graduação.

O que se pode perceber nestes dados de identificação é o baixo nível de natalidade para a idade dos entrevistados e o alto nível de escolaridade dos pais, o que aparentemente indica um grau maior de compreensão e entendimento em conhecimentos em geral.

Quanto à frequência de todos os filhos em uma Instituição de Educação Infantil: Todos os pais menos um responderam que frequentavam ou frequentam. Somente um respondeu que apesar do segundo filho frequentar atualmente, o primeiro filho não teve essa experiência.

Foram surpreendentes os depoimentos dos pais quando questionados se perceberam alguma diferença no filho, depois que começou a frequentar a creche em relação ao tempo que ficavam em casa, 100% dos pais responderam que sim, uma diferença bem significativa. Um pai assim relatou: “Bastante diferença... Ele era mais quieto, mais tímido. Depois que ele começou a frequentar, ele se soltou bastante, conversa com qualquer pessoa. Antes ele parecia um bichinho do mato.” (Pai E). A Mãe B ainda complementa:

Huhum... Percebi que ela aprendeu um monte de coisas. Na verdade o que mais me chamou atenção nela foi a socialização, que a princípio quando ela estava em casa, ela não conseguia se envolver com os amigos. Eu *trazia ela* no parquinho e ela não conseguia, hoje, ela tem a maior facilidade. Ela chega ali com qualquer criança e se ela estiver disposta, ela faz amizade na hora.

Quanto ao motivo de ter matriculado o filho na creche constatamos em suas falas, justificativas bem interessantes como a da mãe I: “Sim, na conversa que antes ela tinha, era uma conversa mais de adulto, nas brincadeiras ela está mais interativa. Todo dia quando eu chego em casa ela tem uma historinha nova. Ela aprendeu, está bem melhor! Está bem melhor agora!”

Os depoimentos dos pais em relação à percepção que possuem da importância da Educação Infantil na vida de seus filhos enfatizam aspectos bem relevantes em relação à função dessas instituições, e deixam transparecer no modo de se manifestarem oralmente um entusiasmo e, de certa forma, prazer em poder manifestar suas opiniões a respeito das creches e das professoras de seus filhos. Os conceitos mais utilizados por eles nessa questão estão apresentados no gráfico a seguir:

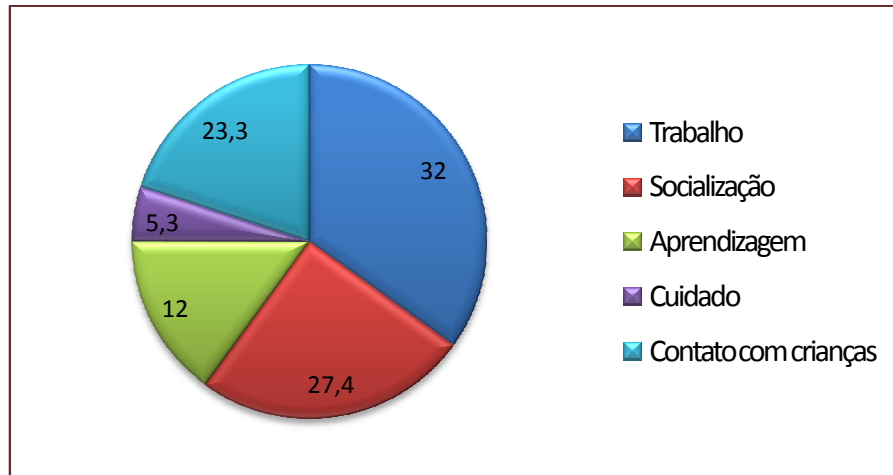


Gráfico 1: Motivos pelos quais os pesquisados matricularam os filhos na creche

Fonte: Pesquisa 2011

É possível, pois, identificar nesse gráfico, como é perceptível o valor que esses pais dão ao trabalho realizado na creche. Isso significa que essas instituições pesquisadas não se prendem só a um trabalho assistencialista ou compensatório, mas toda uma preparação pedagógica por parte dos profissionais que lá atuam.

Uma das questões também de muita importância nesta pesquisa foi quando questionamos se os pais acreditam que a creche contribui para o desenvolvimento das crianças. A maioria percebe esse desenvolvimento, principalmente quando a criança encontra na creche uma pessoa que a acolhe, lhe inspira confiança, contribui e acompanha-a em suas atividades. Essas condições vêm confirmar ainda mais o que diz Oliveira (2008, p. 181):

Nas creches e pré-escolas, esse parceiro da criança em seu processo de desenvolvimento é o professor. Sua função é o de ser uma pessoa verdadeira que se relacione afetivamente com a criança, garantindo-lhes a expressão de si, visto que ela precisa de alguém que acolha suas emoções, e assim lhe permita estruturar seu pensamento.

Desta forma, podemos dizer que o desenvolvimento da criança em uma Instituição de Educação Infantil é muito significativo. E que o professor deve ter consciência que sua relação com os alunos, nessa idade, contribui significativamente para este processo. Daí a necessidade de todos os educadores possuírem uma formação qualificada e voltada para essas crianças.

A participação dessa mãe chama atenção quando falou sobre o que achava do trabalho da professora:

Essa é a parte mais importante... Até porque no começo do ano a gente teve um problema, ela estava numa sala com uma professora que não incentivava, que não a cativava, com isso não queria ir mais pra escola, aí como a gente conseguiu colocar ela com outra professora, ela voltou a adorar a escola, né? (mãe C)

Podemos perceber que as considerações da mãe são de preocupação, pois explicita que o papel da professora não está somente no ensinar, mas também incentivar, cativar, ou seja, envolver a criança como um todo, acolhendo-a com grande respeito e carinho.

E ao serem questionadas se não precisassem trabalhar mesmo assim colocariam seu filho na creche, a grande maioria respondeu que sim, pois considera este espaço educacional importante para seus filhos. Uma mãe relata:

Sim, porque eles precisam disso, falando de Flor,¹ né? Ela adora a creche adora estas *prôs*, tanto é que eu agora *tô* parada, *tô* de licença, então com esse frio eu digo, Flor vamos ficar com a mãe? Ela diz: não a *prô* precisa muito de mim. Tanto ela como o Sol, eu nunca tive problema com eles como o de chorar, não querer vim, não, muito pelo contrário. (Mãe L)

Apesar de muitos pais terem matriculado os filhos na creche para poderem trabalhar, hoje percebem que na creche, os filhos tiveram muito progresso em relação à socialização, timidez e aprendizagem em muitos aspectos. Por isso, torna-se importante que “a escola tenha sentido na vida das crianças e dos jovens, é preciso que ela seja construída a partir dos signos específicos de cada comunidade integrada aos significados mais amplos da cultura universal”. (BARBOSA, HORN, 2008, p. 89).

Hoje, sabemos que é muito importante na vida escolar da criança o papel pedagógico, educativo e social desempenhado pelas Instituições de Educação Infantil, pois no caso da Educação Infantil, além de ser um ambiente rico em construção do saber, a criança pode explorar, imitar, olhar, escutar, expressar-se pela fala, interagindo com outras crianças da mesma idade. Nesse processo, elas

¹ Os termos Flor e Sol são pseudônimos que utilizamos para a não identificação das crianças cujos nomes foram mencionados pelos pais.

têm tanto o educador, como os próprios colegas que poderão servir de mediação para o desenvolvimento de atitudes, competências e valores humanos.

Neste contexto, podemos perceber que este conceito aparece na fala dos pais quando questionamos se seus filhos demonstram ter interesse em vir à creche. “Sim, ele fala bastante, dos coleguinhas, das professoras, que quer brincar com os coleguinhas e que quer aprender. Ele chega em casa e fala: - Oh, hoje nós fizemos isso, nós fizemos aquilo. Então o cara já nota que ele gosta”.(Pai E)

Esta postura adotada pela criança é sustentada por uma concepção que a considera como um ser pensante que acima de tudo expressa suas vontades e sentimentos, manifestando sua maneira de pensar e agir.

Para confirmar ainda mais essa fala do pai, podemos notar que a escola tem contribuído significativamente para a aprendizagem e bem estar de seus filhos, pois quando perguntamos se tinham alguma sugestão de melhoria na escola para seu filho, a grande maioria dos pais respondeu que estava satisfeito até então com o trabalho, que vem sendo realizado. Alguns salientaram somente algumas mudanças em aspectos físicos, mas não no atendimento geral da creche relacionado a questões pedagógicas. Para tanto o RCNEI afirma que:

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas. (BRASIL, 1998)

Além disso, é bom enfatizar a importância do profissional da educação em ser atuante, desenvolvendo sua função com responsabilidade e comprometimento, ou seja, interativo na sua real função como mediador do processo de aprendizagem dessas crianças.

De acordo com os depoimentos, a maioria dos pais pesquisados disse que as crianças chamam as professoras de “tia” em todo cotidiano escolar, enquanto que uma minoria usa a palavra professora ou Prô. Ao analisarmos esses dados à luz ou ao pé da letra do que escreve Paulo Freire em seu livro *Professora Sim Tia Não* estes dados realmente são alarmantes. Mas, muitas vezes, os sentidos desses termos recebem o significado do contexto pedagógico em que as crianças estudam, sendo assim, são compreendidos dentro dessa cultura que se insere. No quadro a seguir podemos ver os dados referentes a essa questão.

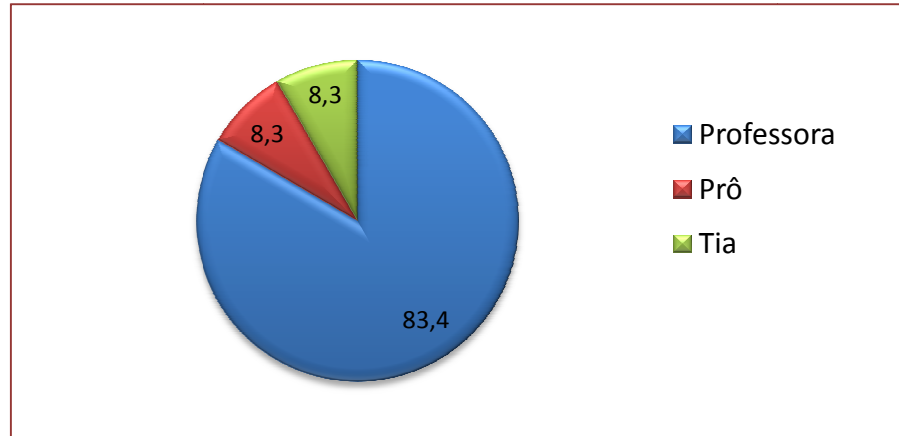


Gráfico 2: Como as crianças chamam as professoras.

Fonte: Pesquisa 2011

Concluimos, pois, que nesse contexto o fato de as crianças chamarem as professoras de tias não desvaloriza o real trabalho da professora como educadora, pois observamos na entrevista e em conversas informais com esses pais, que eles consideram e valorizam o trabalho das professoras e a função de uma Instituição de Educação Infantil como um todo, diferenciando-a da função familiar.

A implementação e/ou implantação de uma proposta curricular de qualidade depende, principalmente dos professores que trabalham nas instituições. Por meio de suas ações, que devem ser planejadas e compartilhadas com seus pares e outros profissionais da instituição, pode-se construir projetos educativos de qualidade junto aos familiares e às crianças. A idéia que preside a construção de um projeto educativo é a de que se trata de um processo sempre inacabado, provisório e historicamente contextualizado que demanda reflexão e debates constantes com todas as pessoas envolvidas e interessadas. (BRASIL, 1998, p. 41).

Considerando toda opinião até aqui colocada, um dos fatores que chamou atenção foi quando perguntamos aos pais se eles participam da vida escolar dos filhos, e se percebem a participação dos outros pais. Embora cada um tenha sua opinião, ficou claro que participar da vida escolar para estes pais, é comparecer às reuniões quando podem ou quando solicitados e conversar com a professora caso haja algum problema.

Sabemos como profissionais da educação, que a participação efetiva dos pais na educação escolar de seus filhos vai muito mais além do que simplesmente comparecer às reuniões, mas não é isso que acontece, ainda, com muita frequência nas escolas.

Segundo Barbosa e Horn (2008) a participação dos pais é muito valiosa, pois é importante que o pai seja presente na vida escolar de seus filhos em todos os aspectos, seja nas informações, nos projetos, em reuniões, palestras, e, assim, poderão contribuir efetivamente na integração da escola com a comunidade em que atua.

Embora em relação a esse aspecto as escolas pesquisadas ainda deixam a desejar, os pais entrevistados de nada reclamaram nesse sentido, mas deixaram transparecer terem grande interesse em manter uma relação escola/família mais interativa. Uma característica muito relevante também foi o fato de não haver diferenças na visão desses pais, entre os que matricularam seus filhos em escola pública e os que optaram pela escola privada. Os depoimentos foram muito semelhantes e em nenhum momento percebemos alguma diferenciação significativa em suas falas. Apenas duas mães de escola privada, mencionaram a questão de tarefas para casa, enquanto que as da rede pública falaram sobre isso.

Em relação ao que se pretendeu verificar nesse estudo, o fizemos, pois de modo geral, a maioria dos pesquisados responderam de forma positiva às nossas indagações. A pesquisa, junto aos pais, mostrou uma realidade não coerente com as inquietações que tínhamos em relação ao tema. Eram indagações que permeavam a forma de pensar da pesquisadora como professora da educação infantil, nessa faixa etária de crianças. Sendo assim, fica registrada a satisfação que sentimos em relação ao resultado da pesquisa, uma vez que os dados foram analisados sob a luz do referencial teórico.

7 CONCLUSÃO

Para realizar esta pesquisa tivemos o objetivo de analisar de que forma os pais concebem o trabalho das professoras de Educação Infantil de 3 a 4 anos no Município de Forquilha. Nossa inquietação a princípio era o modo como os pais chamam as professoras e lidam com a educação escolar de seus filhos em seu ambiente de trabalho, uma Escola de Educação Infantil.

Porém, partindo do que foi percebido na análise dos dados, evidenciamos que a visão dos pais é de essas instituições desenvolverem um trabalho significativo para a vida de seus filhos. Percebemos que, em geral, os pais valorizam e entendem qual é a real função das creches na Educação Infantil.

Em relação aos objetivos propostos para esse trabalho, procurando identificar como é percebida a função da Educação Infantil, pelos pais, obtivemos resultados surpreendentes. O próprio processo da pesquisa se desenvolveu de forma muito satisfatória, pois quando realizamos a coleta de dados, podemos perceber que os pais além de compreenderem nosso objetivo, contribuíram de forma significativa em todo processo da entrevista.

Grande parte dos pais respondeu que colocaram seu filho na creche por motivo de trabalho, mas que com o passar do tempo perceberam a importância que este espaço faz. Dessa forma, sentimos-nos satisfeitos com o trabalho realizado, pelo bom atendimento que a totalidade dos pais pesquisados possui da creche de modo geral e, especialmente pela valorização deles em relação ao trabalho das professoras. Enfatizaram, de forma significativa, que seus filhos além de aprenderem, sentem-se muito felizes e entusiasmados para irem para a creche. Além disso, foram unânimes em dizer que seus filhos gostam da escola e muitos deles, ao chegarem em casa relatam de forma entusiasmada o que aconteceu no cotidiano da creche. Isso nos demonstra que está sendo realizado um trabalho importante para o desenvolvimento dessas crianças, havendo uma superação bem expressiva em relação à concepção de Educação Infantil como simples função de cuidar ou de preparar as crianças para ingressarem no Ensino Fundamental.

Muitos responderam que ao matricularem seu filho na creche o intuito era que ele interagisse, aprendesse e isso nos faz perceber que entendem que o papel da creche não está somente na pura e mera prática assistencialista, mas que

neste contexto a creche realiza um papel pedagógico que contribui ricamente para o processo de desenvolvimento de seu filho.

Apesar de essa pesquisa representar um recorte das muitas realidades existentes que ainda podem apresentar situações diferenciadas das que aqui concluímos, podemos dizer que existem creches que conquistaram um grande progresso em relação ao papel da Educação Infantil na sociedade em que se inserem. Entendemos também que o fato de nos chamarem de tia e de as crianças virem à creche para brincar, não significou, nesse caso, o bastante para que concluíssemos o resultado contrário ao que alcançamos neste estudo e pesquisa realizada.

Neste estudo, ficou evidente que os pais entendem qual é a função da creche na Educação Infantil com crianças de 3 a 4 anos no Município de Forquilha e, essa conclusão deixou-nos felizes por saber que nosso trabalho é reconhecido principalmente pelos pais e crianças ambos sendo o nosso alvo principal de nossa prática docente.

Mesmo assim, é importante salientar que educação é um processo de mudanças e melhorias constantes, é preciso ainda destacar que as professoras devem estar em constante reflexão de seu trabalho, tendo uma visão perceptiva do que devem melhorar em sua prática cotidiana, para melhor envolvimento, interação, observação, cuidado e seriedade.

Fica, no entanto, um convite à reflexão sobre a questão da relação das instituições de Educação Infantil com as famílias e a comunidade em que está inserida, como um tema a ser mais aprofundado, uma vez que cabe à escola e mais diretamente aos educadores que nela atuam servirem de mediadores na melhoria desse processo.

Fica, também, a certeza de que este trabalho de modo particular nos possibilitou muitos desafios, trazendo experiências e reflexões que me trarão ricas contribuições pessoais e profissionais ao longo de minha carreira.

REFERÊNCIAS

- ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. Encontros e desencontros entre família e escola. **Pátio** - Educação Infantil, Porto Alegre, Artmed. ano vii, n. 19, p. 38 e 39. 2009.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira/ HORN Maria da graça Souza. **Projetos Pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre. Artmed, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / ministério da Educação e do desporto, Secretaria de Educação fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.
- BRASIL, Senado Federal. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília: Senado federal, centro gráfico, 1988.
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio**: Minidicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FOREST, Nilza Aparecida. Cuidar e educar: perspectivas para a prática pedagógica na educação infantil. Disponível em <http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-07.pdf>. Acesso em 18/03/2011
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à pratica educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não**. Cartas a quem ousa ensinar. 1. ed. -São Paulo: Olho D água, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.
- KRAMER, Sônia. A política do pré-escolar na Brasil: A arte do disfarce. Ed. Achiamé, Rio de Janeiro, 1987.
- KRAMER, Sônia. et al (orgs). **Infância e Educação Infantil**. 8. ed. São Paulo: Papyrus, 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: ed. Cortez, 2000. 263p.
- MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima e MILLER Stela (orgs.). **Vigotsky e a escola atual: Fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. Araraquara, SP: Junqueira&Marim, 2006.
- NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa Características Usos e possibilidades**. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf> Acesso em: 13/06/2011

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. 4. ed. –São Paulo: Cortez, 2008.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Geovanio. Educação básica: Da organização legal ao cotidiano escolar. 1. ed. – São Paulo: Ática, 2010.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotsky**: uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.(Educação e conhecimento).

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

VENTURA, Magda. **Como elaborar projeto monografia e artigo científico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos 2002, 132 p.

APÊNDICE

Universidade do Extremo Sul catarinense- UNESC
Questionário para Realização da Entrevista do Trabalho de Conclusão de curso de Pedagogia

QUESTIONÁRIO

1-IDENTIFICAÇÃO

a) Idade?

b) Grau de escolaridade:

Ensino Médio: curso

Ensino superior completo: curso

Ensino superior incompleto:

Curso Pós-graduação completa-incompleta

(c) Quantos filhos?

(d) Todos frequentaram ou frequentam a creche ou (educação infantil)?

2-Por que você matricula ou matriculou (ou não) seu(s) filho(s) na creche?

3-Você percebeu diferença em seu filho (a), depois que passou a frequentar a creche? Por quê?

4-Acredita que a creche contribui para o desenvolvimento de seu filho (a)? De que forma?

5-E quanto ao trabalho da professora, o que acha?

6-Se não precisasse trabalhar matricularia seu filho (a) em uma creche mesmo assim? Por quê?

7-Seu filho (a) demonstra gostar de vir para a creche? De que forma?

8-Como as crianças chamam a professora que trabalha com elas: Professora, Tia, Prô ou simplesmente pelo nome dela?

9-Você participa da vida escolar de seu filho (a)? De que forma?

10-Os pais das crianças que frequentam a creche com seu filho (a), de modo geral participam de algum tipo de atividades realizadas na creche de seus filhos? Como?

11-você tem alguma sugestão para que essa creche possa melhorar ainda mais para as crianças?